



O ATO DE DESENHAR COMO AÇÃO PARA REVOLUÇÃO ESTÉTICA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Wagner Valente dos Passos¹

IFSul

<https://orcid.org/0000-0003-1323-0035>

Resumo: O presente artigo traz o ato de desenhar como uma potencial ferramenta para a Revolução Estética e Educação Ambiental, a partir do pensamento de autores como Jacques Rancière (2009, 2013, 2018), Pablo René Estévez (2004), Augusto Boal (2009), Paulo Freire (1998, 2011), Jiddu Krishnamurti (1967), Ailton Krenak (2020) e Félix Guattari (1990). Resultado de um projeto de pesquisa e de um curso *online* ministrado durante a pandemia, apresenta um método simplificado de aprendizagem (com acompanhamento ou de forma autodidata) do desenho, possibilitando o resgate e descobertas de potencialidades artísticas e criativas, bem como da consciência de si, de classe e do mundo, por meio da observação e conexão com pessoas, objetos e natureza.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Estética; Revolução estética; Desenho; História em quadrinhos.

THE ACT OF DRAWING AS AN ACTION FOR AESTHETIC REVOLUTION AND ENVIRONMENTAL EDUCATION

Abstract: This article presents the act of drawing (or sketching) as a potential tool for the Aesthetic Revolution and Environmental Education, based on the thinking of authors such as Jacques Rancière (2009, 2013, 2018), Pablo René Estévez (2004), Augusto Boal (2009), Paulo Freire (1998, 2011), Jiddu Krishnamurti (1967), Ailton Krenak (2020) and Félix Guattari (1990).

¹ Doutor em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG; Administrador no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSul – Câmpus Pelotas; e-mail: w-passos@hotmail.com.

Result of a research project and an online course taught during the pandemic, it presents a simplified method of learning (with follow-up or self-taught) of drawing, enabling the rescue and discoveries of artistic, creative potential and conscience of the self, of class and the world, through observation and connection with people, objects and nature.

Keywords: Environmental education; Aesthetic; Aesthetic revolution; Sketching; Comics.

Introdução

Desenho 1: *Sketch* do prédio Vila Francisca, Avenida Rio Grande, Cassino.



Fonte: Produção de Wagner Passos. *Sketchbook*. Realizado ao vivo em uma tarde de domingo, com caneta nanquim, papel *canson* e tempos sem máscaras. Outubro de 2009.

O ano é 2021, mais precisamente, dia 14 de dezembro. Um ano e nove meses de distanciamento e isolamento social. Apesar de novas cepas, a pandemia de Covid-19 dava sinais de enfraquecimento e parecia encaminhar-se para o seu fim. As vacinas mostram sua eficácia. O capitalismo, somado aos movimentos negacionista, antivacina e de extrema-direita, revela seu potencial destruidor. Ao longo de quase dois anos, foram mais de 616 mil mortes no Brasil; dessas, 2/3 poderiam ter sido evitadas se o governo tivesse iniciado a vacinação ainda em 2020. São 5,31 milhões de mortes no mundo, além de milhares de outras mortes sem estatística, por subnotificação ou ocorridas por sequelas, falta de leitos para outras doenças ou mesmo decorrentes da depressão. Dois anos

sem aulas presenciais na maioria das escolas. Defasagem na aprendizagem de crianças e jovens. Desemprego entre os adultos. Maior taxa de desmatamento da Amazônia nos últimos 15 anos. Genocídio indígena. Os capitalistas comemoram. Com a quebra de recordes nas exportações e nos lucros do agronegócio, 62 brasileiros ascenderam, entre 2020 e 2021, à lista de bilionários da revista Forbes².

Esse é o panorama em que nos encontrávamos às vésperas de 2022. De um lado, a ideologia capitalista fatalista, repleta de tecnologias, com políticos e empresários que buscam condicionar as pessoas à pobreza e às injustiças ambientais e sociais, para se eximirem da responsabilidade e lucrarem cada vez mais. Do outro, a necessidade da classe trabalhadora de curar suas dores e suas perdas e de retomar sua vida.

Em 2018, defendi a tese intitulada "Revolução Estética e Educação Ambiental: uma proposta de oposição ao fetichismo, à alienação e à ideologia capitalista", sob orientação do Prof. Dr. Carlos RS Machado. Como metodologia, foi utilizada a Análise do Discurso, apoiada em Eni Orlandi (2009), identificando-se o que chamamos de estética burguesa padronizada, apontada por Martinelli (2016), Fernandes e Prates (2016), Fernandes e Lippo (2016), Boal (2009), Dardot e Laval (2016), Chomsky (2013), Bourdieu (2006) e Badiou (2017)³. Repleta de elementos que permeiam várias linguagens e atuam dentro da cultura de massa, tal estética produz, dissemina, repete e reproduz um ideal de vida capitalista em seu modelo burguês, com o objetivo de adaptar e submeter a classe trabalhadora aos interesses e à exploração dos capitalistas de forma consentida, a partir do fomento do desejo, da ostentação e do culto de ideias e

² Lista dos 20 brasileiros que se tornaram bilionários em 2020. Disponível em <https://gq.globo.com/Lifestyle/Poder/noticia/2021/04/brasil-20-novos-bilionarios-panemia.html>, acesso em 02 de fev. 2022.

Lista dos 42 brasileiros que se tornaram bilionários em 2021. Disponível em <https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/lista-de-bilionarios-brasileiros-da-forbes-ganha-42-nomes-em-2021-conheca-os-novos-ricos/>, acesso em 02 de fev. 2022.

³ Ver na tese as contribuições dos referidos autores para o conceito de “estética burguesa padronizada”. Disponível em https://argo.furg.br/bin/bdtd/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=12533, acesso em 02 de fev. 2022.

símbolos que remetem a uma possível ascensão social e econômica “disponível” a todos.

Com a necessidade de buscar pensamentos e direções que se opusessem a essa condição de opressão, condicionamento e controle, tida por muitos como “natural”, encontramos em Rancière (2009, 2013, 2018), Estévez (2004), Boal (2009), Freire (1998, 2011) e Guattari (1990)⁴ indicações do que chamamos de Revolução Estética, não apenas como forma de oposição, mas de criação e manifestação do ser e do existir baseados na cultura popular, e não na cultura de massa.

Sabe-se que os capitalistas financiam, produzem e lucram com a cultura de massa. Homogeneizadora e veiculada para consumo em larga escala, ela explora elementos e potências da cultura popular, com o objetivo de condicionar o povo à estética burguesa padronizada, assim desvalorizando e impedindo o desenvolvimento das culturas locais e populares (feitas de fato pelo e para o próprio povo). Enquanto a cultura erudita (feita pela e para as elites) e essa de massa, que dita o sucesso, são consideradas de valor, a Revolução Estética propõe outra relação com o fazer artístico.

Assim, trago para este artigo alguns parâmetros e características orientadores, também com base no conceito de Educação Estética Ambiental, para a Revolução Estética (ou para outras estéticas não capitalistas):

- Olhar crítico e contemplativo sobre a própria história e o lugar onde se vive;
- Análise de sua relação direta com o cotidiano e a realidade;
- Observação, entendimento e valorização da diversidade singular humana (local e mundial), em oposição à homogeneização e ao condicionamento de comportamentos;

⁴ Ver na tese as contribuições dos referidos autores para o conceito de “Revolução Estética”. Disponível em https://argo.furg.br/bin/bdtd/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=12533, acesso em 02 de fev. 2022.

- Descoberta da potência de existir e de integrar um tempo e um espaço no mundo a partir do lugar onde se vive;
- Ações coletivas e/ou de partilha para o coletivo que conectam o local em si e este local com o mundo;
- Ter como um dos objetivos de seu trabalho buscar o novo, produzir fissuras, rompimentos, quebras de crenças e visões alienantes, homogêneas e homogeneizadoras, difundindo a liberdade, a autonomia, a solidariedade, a coletividade, o experimentar, o entendimento e a satisfação em si de que somos seres surgidos, integrados, integrantes, dependentes e parte da natureza.

Tendo o desenho como atividade artística desde minha infância e profissional há 20 anos, desenvolvi junto ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul - Câmpus Pelotas, entre os anos de 2019 e 2021, o projeto "Rastro: pesquisa gráfica para a descoberta do desenho e do potencial criativo para fins artísticos e educacionais, a partir da Revolução Estética de Jacques Rancière e Pablo René Estévez". Para tal, utilizei exercícios gráficos e criativos propostos por artistas e pesquisadores como Sonheim (2010), Piyasena e Philp (2015), Koch (2006), Zugliani (2007) e Eisner (1999).

Com a pandemia de Covid-19, percebi que uma das principais demandas sociais surgidas seria a realização de atividades que permitissem amenizar a ansiedade e o estresse do isolamento, assim como possibilitassem a descoberta e o desenvolvimento de habilidades artísticas e criativas, agregando conhecimento individual e coletivo para artistas e não artistas. Logo, propus de forma voluntária o "Curso de desenho para quem está em quarentena", ocorrido de março a outubro de 2020. Divulgado nas redes sociais, reuniu 512 pessoas de diversas cidades do Brasil e do Uruguai, em dois grupos de WhatsApp, com apresentação de técnicas e exercícios básicos de desenho, dentro da proposta da Revolução Estética e Educação Ambiental. Com isso, procurou-se possibilitar outros olhares e reflexões sobre um cotidiano no qual as pessoas se

encontravam fechadas em suas casas, com sua rotina extremamente repetitiva, reduzida e cansativa.

O objetivo deste artigo é apresentar a utilização do desenho, por meio das experiências obtidas nestas duas iniciativas (projeto de pesquisa e curso), como possibilidade de Revolução Estética e Educação Ambiental, de libertação das potências artísticas, criativas, de inteligência e de transformação da indignação em motivação e ação. Como ferramenta de comunicação, reflexão, denúncia e mídia independente, o desenho pode ser usado para o enfrentamento das injustiças sociais e ambientais, como também para a criação de novas, satisfatórias e coletivas possibilidades de existir. Assim, surge a ideia do despertar do desenho como resgate de uma habilidade humana inata a todas as pessoas, independentemente de idade, gênero ou classe social, ressignificando o cotidiano, a rotina e o acesso a outro nível de imersão mental, produção artística e cultural, conscientes de nossa relação, conexão e integração à natureza.

Desenho 2: *Sketch* meus pais na sala de casa



Fonte: Produção de Wagner Passos. *Sketchbook*. Realizado em uma tarde fria, com caneta Bic azul, papel sulfite e incertezas. Abril de 2020.

Arte rupestre, *Kene Kuin* e as histórias em quadrinhos

O cotidiano, a rotina, as relações com as forças da natureza, fazem parte dos diversos temas que compõem a arte rupestre, assim como a arte indígena. Ela consegue sugerir uma conexão que transcende culturas, história e tempo, entre os primeiros *Homo sapiens* e nós, como parte de uma unidade, uma comunidade, uma espécie.

Em meio à Amazônia Ocidental, habitando as regiões do leste do Peru e o estado do Acre, vivem aproximadamente 5.550 indígenas da etnia *Huni Kuin*, termo que significa "homens verdadeiros", ou "gente com costumes conhecidos". Sua interação com os brancos vem acontecendo desde o final do século XIX, e, apesar de absorverem elementos da cultura urbana, orgulham-se em manter forte sua identidade, língua, arte, música, pintura, medicinas, festas e rituais, chamadas de *Nixi Pae* (PASSOS, 2020).

Para os *Huni Kuin*, a humanidade é uma só, um único povo. Consideram que partilhar seus conhecimentos é uma forma de serem respeitados em sua existência, de educarem e oportunizarem ao branco uma conexão com sua própria essência e, conseqüentemente, de mobilizarem apoio para a causa indígena, que transcende os indígenas, para uma defesa humana planetária de toda forma de vida e da floresta.

A criação de laços com visitantes acontece frequentemente. Aqueles que imergem na cultura *Huni Kuin* e se tornam próximos dos indígenas, os quais percebem apoio e respeito, passam a ser considerados *txai*, que significa "mais que amigo, mais que irmão", "a metade de mim que existe em você, e a metade de você que habita em mim". Essa relação, além de um reconhecimento, contribui para o fortalecimento de um movimento de ajuda, manutenção e continuidade da vida desse povo em meio à floresta, estimulando a militância política para a causa indígena.

Os *Huni Kuin* são considerados os principais representantes e guardiões da medicina da *ayahuasca*, apoiando e orientando trabalhos de xamanismo urbano por todo o Brasil e o mundo.

Uma das principais expressões culturais dos *Huni Kuin* são os *kene kuin*, ou "desenhos verdadeiros", que constituem uma estética e parte de sua identidade. Trata-se de um elemento fundamental de transmissão de conhecimento, história e cosmologia de seu povo.

Desde pequenas, as crianças são incentivadas a desenhar. Os símbolos e grafismos representam elementos daquele povo, com significados que contam sua história e se relacionam com a sua espiritualidade. O desenho, para os *Huni Kuin*, não é uma simples atividade recreativa, mas um momento de invocação, de conexão espiritual, que se aproxima, para aqueles que experimentam ou vivenciam a influência da cultura hindu ou budista, do chamado estado de meditação.

Para os *Huni Kuin*, cantar enquanto se desenha é um complemento ao momento ritualístico. Canta-se para chamar "a força", a energia de conexão com o todo, com *Yuxibu* (o qual, na cultura cristã, se chama Deus), uma entidade que é, ao mesmo tempo, una e múltipla, que sustenta o poder de toda a criação e a natureza.

"A força" é também a energia sentida e manifestada quando se está em estado de expansão em cerimônias de *ayahuasca*, o que resulta, após um processo de limpeza da mente e do organismo, na sensação de plenitude, de desaparecimento da ideia "tempo", acessando-se conhecimentos, devires e contatos com outros seres da natureza ou mesmo de outras dimensões. O passado e o futuro fundem-se no presente, tornando a pessoa que está na vivência, consciente de sua responsabilidade individual dentro da espécie e de estar viva, bem como da continuidade, do trabalho e dos esforços feitos por seus ancestrais ao longo das gerações para permitir a sua existência, que será passada adiante aos seus descendentes. É despertada também a consciência da importância da existência de toda forma de vida: plantas, seres, microrganismos, espíritos, que, de forma cooperada, contribuem para que

aquele pequeno pulso de coincidência, ou consciência do Universo, que se expandiu em tudo que é vivo, persista como um projeto de continuação da própria vida, em permanente evolução e progresso infinito.

Nos encontros do Movimento de Artistas *Huni Kuin* (MAHKU), o ato de desenhar suas histórias, mitos e mirações, repletos de representações da fauna e flora amazônica, é visto e chamado de "trabalho". Sendo encarado com respeito, dedicação e concentração, tem como finalidade propiciar um estado meditativo e de conexão espiritual, envolto de elementos de proteção, conhecimento, história e reverência à natureza, invocando sempre as energias de luz, paz e amor.

Paralelamente ao MAHKU, acontece também o *Kayatibu*, no qual a música se torna também uma linguagem de conexão com *Yuxibu*. Por meio dessas manifestações artísticas, de cerimônias e de seus artesanatos, os *Huni Kuin* procuram realizar o intercâmbio com outros povos originários (chamados de "parentes") e também com os brancos. Integrando as atuais tecnologias, como *smartphones*, câmeras, projetores e internet, ao trabalho gráfico, o MAHKU torna-se uma manifestação multimídia, concebida em meio à Amazônia e transmitida para todo o mundo.

Os grafismos, as cores fortes, os contrastes, representam um fragmento da cosmologia dos *Huni Kuin*, de sua conexão com a natureza e – por que não – da forma de fazerem a sua Educação Ambiental com o seu povo, mas também com muitos de nós, acadêmicos, intelectuais, brancos, urbanos.

Desenho 3: Mito de surgimento da bebida *nixe pae Huni Kuin*



Fonte: Produção de Acelino Sales (Tuñ Hunikuin), Cleiber Pinheiro Sales Kaxinawa (Bane Hunikuin), Edilene Pinheiro Sales Kaxinawa (Yaka Hunikuin), Maria Macario Kaxinawa (Ayani Hunikuin). Acrílico sobre tela, 150 x 200 cm. Publicado em 17/11/20 em <https://ims.com.br/convida/movimento-dos-artistas-huni-kuin/mito-de-surgimento-da-bebida-nixe-pae-huni-kuin>, acesso em 14 de dez. 2021.

Como sociedade capitalista, vivemos imersos em arrogância, deslumbramento e preconceito, pois é dessa maneira que mantemos o cômodo lugar das limitações proporcionadas pelos padrões instituídos. A isso, damos o nome de comportamento condicionado. A resistência (em vez do encantamento) em experienciar e entender o novo. O que para muitos é uma cultura rudimentar, atrasada, primitiva, por ser natural e da floresta, para outros, é uma oportunidade de autorresgate, uma conexão com a natureza, com sua essência e existir, o que nenhuma tecnologia, digital ou eletrônica, é capaz de proporcionar.

Ao projetarem-se tais reações no desenho, percebe-se que muitos jovens e adultos se negam a desenhar, por medo de não corresponderem a um padrão de beleza gráfica e artística instituído como ideal. Demonstrem, desse modo, sua insegurança e escondem-se, com vergonha. Fogem porque, na infância, em algum momento, alguém frustrou sua alegria e expectativa de receber um elogio, dizendo que seu desenho era feio ou estava errado. Infelizmente, na maioria dos casos, esse problema acontece na escola ou na família, em um movimento constante de reprodução de crenças e diminuição do outro.

Riscar alguns traços com lápis em um papel é, para muitos, um momento de pânico, porque ali se revelam algumas fragilidades, fraquezas que, dentro da idealização da estética burguesa padronizada, colocam a pessoa em desvantagem em relação às que dominam aquele código. Isso é vencido iniciando-se o processo com o lúdico, vivendo-se a contemplação, colocando-se em atenção plena para analisar e desenvolver o olhar crítico, de investigar, de acessar seu potencial artístico e criativo, de divertir-se com outras possibilidades de relacionar-se com o mundo, sua própria floresta interna e o ambiente ao seu redor.

Essa reflexão permite-nos relacionar o potencial de libertação do desenho com a vivência da *ayahuasca*, a qual, para Krenak:

É uma forma de criação de linguagem que consegue transmitir para qualquer um que se encontra na experiência [...] de entender tudo o que está acontecendo, sem tradução [...] com as diferentes formas de vida. Uma experiência incomum [...] que ensina, [...] onde se vive dentro da experiência, um lugar que não precisa de palavras [...], no qual cada um traz um canto, e cada canto abre uma visão, e as visões vão ampliando e vamos aprendendo sobre as plantas, os animais [...], vamos vendo eles, dançando junto com eles. (KRENAK, 2019).

Ao estudarmos a arte rupestre, vamos encontrar menções que relacionam aqueles grafismos a representações de expressões religiosas, rituais de caça, registros do cotidiano, ou ainda, reprodução pictórica das alucinações provocadas por bebidas psicodélicas.

No entanto, não ao acaso, a arte rupestre, a arte indígena e a arte contemporânea se conversam na sua gênese. Os primeiros vestígios da espécie *Homo sapiens*, com capacidade de abstração, inteligência e cognição como a dos seres humanos atuais, adaptados aos diferentes climas e territórios, teve no desenho uma de suas principais tecnologias, pela qual registraram sua existência e mostraram para as gerações futuras como eram os animais, seus rituais, suas jornadas e história. A datação aproximada é hoje possível com o teste de Carbono-14, permitindo-nos, juntamente com os demais achados arqueológicos, um melhor entendimento de como viveram, sua cultura e comportamento, em uma verdadeira viagem no tempo.

Chegamos, então, à arte sequencial, que tem o quadrinista Will Eisner (1999) como uma de suas principais referências e que nos apresenta como acontecem os processos narrativos, como se dá a mistura de imagem, mensagem e movimento – o que vemos em histórias em quadrinhos, livros infantis, fotonovelas, animação, vídeos, séries, cinema e na arte rupestre, mesopotâmica, egeia, egípcia, pré-colombiana, persa, chinesa antiga, grega, budista, romana, africana, bizantina, hindu, islâmica e indígena.

Por milhares de anos, conservamos em nossa espécie a produção de imagens e artefatos, tendo a visão como o sentido que melhor nos permite distinguir aquilo que é selva daquilo que é humano. Talvez por isso, as cores dos pássaros encantam-nos tanto. Como a natureza, em seu processo de evolução, pode criar algo tão detalhado, tão fantasticamente artístico, não sendo humana? Talvez porque o humano é natureza, e, sendo natureza, a natureza também é humana, criativa, metódica, inteligente e, por que não, artística.

Dom ou habilidade inata que trazemos de nossos ancestrais?

A ideia de "dom" é uma prisão. Além de colocar uma carga sobre quem desenha, é um estigma limitador para a grande maioria das pessoas que são desenhistas profissionais ou para aqueles que querem aprender a desenhá-lo, mas creem “não terem o dom”. Ou seja, desenhá-lo, na sociedade capitalista, é permitido apenas para aqueles que conseguem satisfazer determinados padrões estéticos de realidade, qualidade e beleza concebidos pela estética burguesa padronizada.

Uma das principais formas de dominação de um povo é fazê-lo acreditar que não possui qualidades, que individualmente (e coletivamente) é pobre, sem talentos, feio, rude, bruto, burro, tendo somente a força braçal (e o pensamento de alguns poucos intelectuais) como um produto a ser vendido para as indústrias. Estas, quando podem, substituem, não a força, mas o meio que fornece essa força, ou seja, o trabalhador, por máquinas, mostrando o quanto, para o sistema

capitalista, as pessoas são descartáveis, sem valor e passíveis de serem superadas.

O mesmo acontece com os povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas e com o povo trabalhador que vive nas periferias. Não importa se somos potenciais consumidores; o mercado não gera emprego para gerar consumo, mas para gerar lucro, que está baseado na exploração da mão de obra e da natureza.

Por isso, naqueles lugares onde os indígenas vivem, se existe um produto com valor de mercado e potencial lucro (como ouro, madeira ou mesmo a terra para o agronegócio), governos, políticos, empresários, não titubeiam em mobilizar suas forças para afrouxar a fiscalização ou até colocar seus soldados (exército e polícia) a serviço desses empreendimentos. Isso para desocupar áreas e liberar as terras, de modo que a referida atividade, economicamente rentável às elites, possa ser implementada e se torne operativa.

Parece bobo achar que o simples ato de desenhar sirva como ferramenta de resistência. Porém, não podemos esquecer o seu potencial de comunicação e de viabilizar mídias alternativas, como o jornal *Movimento*, distribuído aos castanheiros em Xapuri, Acre, por Chico Mendes em plena ditadura militar (CHINEM, 2004, p. 9); o jornal *O Pasquim*, fundado em 1969 pelos cartunistas e escritores Jaguar, Ziraldo, Carlos Posperi, Claudius, Sérgio Cabral e Tarso de Castro (posteriormente, Paulo Francis e Henfil), chegando a 225 mil exemplares distribuídos em todo o país; ou, no Rio Grande do Sul, o *Coojornal*, de onde surgiram os cartunistas Edgar Vasques e Santiago, entre outros.

Indo além do desenho como linguagem e comunicação popular e de fácil entendimento, trago uma reflexão de Augusto Boal:

Palavra, imagem e som, que hoje são canais de opressão, devem ser usados pelos oprimidos como formas de rebeldia e ação, não passiva contemplação absorta. Não basta consumir cultura: é necessário produzi-la. Não basta gozar arte: necessário é ser artista! Não basta produzir ideias: necessário é transformá-las em atos sociais, concretos e continuados (BOAL, 2009, p.19).

Para os *Huni Kuin*, desenhar é uma forma de conectar-se com "a força". Despertar seu próprio desenho é conhecer-se, é aprender a dominar e a utilizar

“sua força”, seu poder de criação, seu talento, com inteligência. Um exercício de despreendimento das crenças limitantes, da opressão capitalista, para uma conexão pessoal que estimule a autoconfiança, a autoestima, a ocupação do seu lugar de fala, a troca, a manifestação e a relação com outros seres, objetos e pessoas.

O que faz um bom desenhista não é o quanto consegue no seu desenho, no resultado gráfico, reproduzir com fidelidade a imagem observada, mas o quanto de alma, o quanto de si é capaz de entregar naquela criação. Isso não tem a ver com dom, nem com regras de perspectiva e domínio de sombra e luz, mas com envolvimento, desprovido de julgamentos próprios e de terceiros, de certo ou errado, e carregado de algo a mais, uma “assinatura”, um registro singular que nos permite contemplar a obra, mas também o olhar e o pensamento do artista.

O desenho apresenta-se como a primeira linguagem artística e de comunicação manifestada por todas as pessoas ainda na sua infância, que, na sua espontaneidade, não respondem a padrões estéticos. É nesse ponto de liberdade, de voltar e gerar o novo, que as vanguardas artísticas regressam para poder avançar. Alguns poucos artistas foram capazes de provocar essas fissuras, influenciando a sociedade de forma a evoluir, ainda hoje fazendo reverberar novos sentimentos, emoções e ideias, como aquelas proporcionadas pelo Impressionismo, a Semana de Arte Moderna e Woodstock, entre outros.

Logo, a experiência do desenho, de seu resgate, de seu estudo, de forma recreativa, indo além de um passatempo, como despertar da potência humana, vai ao encontro daquilo que a Educação Estética Ambiental propõe – investigar seu próprio ser, o ambiente ao seu redor, objetos, coisas, plantas, animais, pessoas. É exercitar a imaginação, os sonhos, a capacidade de criação e de ação no mundo, tentando satisfazer suas reais necessidades, seus anseios, suas necessidades de afeto, de alimento, de trabalho, de diversão e de integração social e com a natureza.

Para desenhar, necessita-se apenas de um artefato que se desintegre no atrito. Lápis, carvão, giz, tijolo, pincel com tinta ou uma lanterna em frente a uma

câmera fotográfica, como fizeram em 1949 Pablo Picasso e o fotógrafo Gjon Mili. Segurando-se o artefato com dois dedos (polegar e indicador) ou com qualquer outra parte do corpo (boca, cotovelo, joelho, dedos dos pés), é preciso que seu movimento sobre uma superfície (ou o ar, no caso da fotografia) deixe um rastro, marque o caminho percorrido, de direções e decisões tomadas por quem desenha, influenciadas pelo objeto observado, pela imaginação e pelo instinto.

Desenho 4: *Sketch* plantas no quintal



Fonte: Produção de Wagner Passos. *Sketchbook*. Realizado ao vivo em uma manhã de sol, acompanhado de chimarrão e meu cachorro, lápis 4B e papel sulfite. Novembro de 2020.

Ousar desenhar o cotidiano e os elementos ao seu redor de forma livre é descobrir, revelar sua arte, seu potencial de manifestar a sua Revolução Estética.

Dentro de este contexto (hoy potenciado por la política hegemónica de corte neoliberal) se comprende que la más perentoria tarea encaminada a la formación cultural integral de los jóvenes, tiene que estar orientada al cultivo de un sentimiento de independencia económica, social, política, técnica y cultural, que permita el necesario distanciamiento para el desarrollo de una consciencia de mismidad. Sólo a partir de ahí será posible avanzar e ir al reencuentro con nuestra identidad mayor: el ser latino-americano. (ESTÉVEZ, 2004, p. 8).

Romper amarras, permitir outros olhares, tanto do desenhista quanto das pessoas que olham o desenho. Mergulhar no novo, que nasce na tentativa de representação gráfica de algo que já existe.

Resultados do projeto Rastro

O estudo de diversos artistas e pesquisadores das artes gráficas, como Sonheim (2010), Piyasena e Philp (2015), Koch (2006), Zugliani (2007) e Eisner (1999), permitiu-me identificar uma base técnica que permeia todas as demais técnicas e sofisticações do desenho. Utilizando um material simples e de fácil disponibilidade, como lápis, caneta Bic, papel, folha de caderno, agenda ou embalagens de produtos, o ato de desenhar era possível em qualquer lugar – no transporte público, em casa, no jardim, em uma fila, em um banco de praça, no trabalho, em sala de aula ou em viagem.

Destaco o movimento intitulado *Urban Sketchers*, criado pelo desenhista Gabriel Campanario, ilustrador em Seattle, Estados Unidos. Reunidos em um *site* (<http://www.urbansketchers.org>), diferentes artistas de todo o mundo compartilham seus rascunhos e esboços (*sketches*) de observação dos lugares onde vivem ou visitam, sendo estes os itens que integram o seu manifesto (THORSPECKEN, 2014. p.9):

1. Desenhamos no local, seja na rua ou em um interior, registrando o que vemos por meio da observação direta;
2. Nossos desenhos contam a história de nossos entornos, os lugares onde vivemos e aqueles que visitamos;
3. Nossos desenhos são um registro do tempo e do lugar;
4. Somos fieis às cenas que testemunhamos;
5. Usamos qualquer tipo de técnica artística e valorizamos nossos estilos individuais;
6. Apoiamos uns aos outros e desenhamos juntos;
7. Compartilhamos nossos desenhos *online*;
8. Mostramos o mundo, um desenho de cada vez.

Esse movimento é bastante importante, pois conseguiu reunir, ao longo dos anos, uma comunidade virtual de desenhistas (profissionais e entusiastas).

Replicado em diversas cidades do mundo, espalha a ideia de que se pode desenhar o que se quer, independentemente do lugar onde se está ou se habita.

Desenho 5: *Sketch casa em Barra Valizas, Uruguai*



Fonte: Produção de Wagner Passos. *Sketchbook*. Realizado com lápis 4B, lápis arco-íris, caneta nanquim, caneta marcador, papel sulfite e coração. Dezembro de 2019.

17

Revista Ambiente & Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA/FURG
v. 27, n. 01, Agosto, 2022:
Recebido em: 27/04/2022
Aceito em: 24/07/2022

Apresento aqui um roteiro onde sintetizo o processo de elaboração de um desenho de observação, a partir do que pesquisei e identifiquei no projeto Rastro. Parto do desenho de observação, pois é responsável por produzir uma biblioteca mental de imagens, que serve de referência para desenhos futuros, possibilitando ao artista, ao longo de sua vida, continuar aprofundando e aperfeiçoando seu desenho, o que contribui para o entendimento da imagem e o desenvolvimento de novas técnicas:

1. Observação: integração, introspecção, conexão com o lugar ou objeto observado;
2. Movimento de mão em sincronia com o movimento dos olhos: o foco de visão realiza o contorno do objeto ou da imagem observada, sem que se olhe constantemente para o papel, como se os olhos estivessem a desenhar também, desenvolvendo-se uma conexão da mão com o olhar e instigando-se a capacidade da mão de reproduzir o movimento dos olhos. Um exercício em princípio estranho, bastante difícil e incômodo no início, mas que permite outra cognição, pouco experimentada por nós;
3. Esboço: tentativa de realizar essa primeira etapa do desenho com traços rápidos e apenas contornos, no menor tempo possível e sem medo de ter feito algum traço que não corresponde ao real. Não usar borracha e não apagar nenhum traço tido por “errado”;
4. Desenho dos detalhes: neste segundo momento, é importante prestar atenção nos detalhes, nos objetos que compõem a cena, silhuetas, informações visuais que integram a imagem observada e que enriquecerão o desenho;
5. Finalização com texturas, sombra e luz: no terceiro momento, observar como a luz se comporta, seu ângulo ou elementos que formam sombras, assim como texturas de tijolos, pedras, cascas, folhas, vegetação e copas de árvores, e procurar reproduzi-las.

Nessas cinco etapas, apresenta-se o ato de desenhar, a partir do desenho de observação, em sua forma, luz e entendimento da composição. Já as cores integram um segundo momento e podem ser experimentadas pelo artista com os materiais que sentir vontade de explorar. Em meus estudos, adaptei-me melhor à aquarela e aos lápis aquareláveis, mas as possibilidades são infinitas: de lápis de cor ou giz de cera à pintura digital, conforme o gosto de cada um.

Além do desenho de observação, é possível produzir também desenhos de imaginação, em que as imagens e personagens criados não possuem referência direta a ser observada, mas surgem na mente conforme se vai riscando no papel. Vale lembrar que, no desenho de imaginação, muitas das imagens criadas são resgates de exercícios feitos em desenhos de observação. A mente tem a capacidade de armazenar imagens desenhadas com muito mais qualidade do que imagens somente vistas. Assim, com o passar dos anos e desenhando com frequência, consegue-se criar cenas e personagens sem os ter, de fato, à frente ou sem utilizar referência.

Resultados do curso de desenho no período da pandemia

O "Curso de desenho para quem está em quarentena" foi criado na segunda quinzena de março de 2020. Divulgado via redes sociais e oferecido de forma gratuita via WhatsApp, reuniu 512 pessoas em dois grupos com 256 pessoas cada.

Inicialmente, a empolgação de todos foi bastante motivadora, apesar da apreensão com a pandemia, que recém chegava ao Brasil. Como a previsão era a de que duraria alguns meses, seria possível, nesse período, dedicar tempo para aprendizados gerais, trabalhos de casa e estudos.

A qualidade e velocidade de internet eram muito ruins, não sendo possível a realização de vídeos. As aulas foram iniciadas utilizando-se mensagens de texto que contextualizavam as propostas de atividades, complementadas por material em PDF retirado de livros, dos quais também se obtinham exercícios,

para que os participantes pudessem entender alguns processos e realizar a prática em seu cotidiano durante o período de isolamento.

Alguns participantes já tinham uma bagagem no desenho e utilizavam o curso para exercitar e estudar técnicas. Outros nunca haviam desenhado, mas sentiram-se motivados a realizar as atividades e a compartilhar com o grupo suas produções. Havia pais e mães que faziam as atividades junto com seus filhos, participando também e buscando mais um momento familiar de convívio.

Para divulgar as produções do curso, foi criada a *hashtag* #desenhandoaquarentena no Instagram, a qual foi adotada por outros desenhistas de todo o país e hoje reúne mais de 37 mil imagens.

A expectativa de manter diariamente o compromisso de enviar materiais e exercícios foi algumas vezes interrompida pela minha própria necessidade de adaptação à continuidade da pandemia. O cansaço mental coletivo começou a pesar, e algumas pessoas desistiram do curso por não conseguirem dar conta do estresse e das demandas do isolamento.

O *Inktober*, outro movimento mundial de desenho, que ocorre todos os anos via redes sociais no mês de outubro, foi também um grande motivador para os participantes. Alguns entraram na brincadeira e desenharam todos os dias durante 31 dias, enviando para o grupo suas produções, que os participantes comentavam, elogiavam ou davam dicas.

Mosaico 1: Produções do curso de desenho



Fonte: Wagner Passos, 2020.

Ao final de 2020, a participação nos grupos foi diminuindo, chegando a aproximadamente 140 pessoas. Por algum tempo, as trocas, as atividades e o desafio de desenhar ocupou esse momento de expectativas e apreensões. No entanto, o cansaço, a falta de vacinas, o impacto com as contaminações e as perdas familiares de alguns participantes exigiram o encerramento dos grupos em fevereiro de 2021. As incertezas, ansiedades e dores não podiam mais ser maquiadas; não havia desenho que compensasse a perda de um familiar e a falta do convívio real com outras pessoas. Assim, entre todos os participantes, decidimos finalizar as atividades do curso.

Difícil mensurar o impacto das feridas e rupturas provocadas. Somente o tempo permitirá a construção do novo. Estamos conscientes de que o

21

capitalismo – com seus governos, políticos, empresários gananciosos e todos os recursos financeiros disponíveis – não só tentou negar a pandemia, como também enriqueceu com ela, utilizando suas forças (políticas e midiáticas) para tentar convencer as pessoas a negarem o que acontecia, a se contaminarem com vírus, com o argumento de que era preciso salvar a economia primeiro, e não as vidas das pessoas (KRENAK, 2020, p. 7).

Apesar da situação, a empolgação dos integrantes mais participativos do curso proporcionou, por oito meses (de março a outubro de 2020), um experienciar artístico que permitiu outros olhares e vínculos com pessoas, animais e objetos de suas casas, além da tentativa de solidariedade e apoio mútuo entre os participantes dos grupos, ao trocarem seus desenhos e dicas.

Então, o que seria apenas a redução do espaço de convívio e um retiro espiritual forçado tornou-se a salvação de muitas vidas. Ficar em casa salvou vidas.

A imersão artística em meio a toda a turbulência buscou amenizar o impacto da pandemia. Exercícios de contemplação, sintonia com a força criativa, estar atento, presente, consciente, naquele lugar e naquele tempo repetitivo, não eram uma fuga da realidade, mas uma imersão na realidade possível. Um desenho, cuja data no canto do papel é aparentemente insignificante, será o registro de um momento pelo qual ninguém gostaria de ter passado, repleto de incertezas e sofrimentos, mas que exigiu outras possibilidades de ver, viver e interagir no mundo.

Considerações finais

Esta proposta pedagógica, que se apresenta a partir da Educação Estética Ambiental com a Revolução Estética, utilizando o desenho e a Educação Ambiental como base, procura romper com a lógica capitalista de anulação coletiva. Dessa forma, permite a qualquer pessoa sair do fluxo da descartabilidade e do impossível, despertando-lhe a tomada de consciência de sua potência de existir.

Mas, vede, vossa educação não vos ensina a pensar; só vos ensina o que pensar. Ensina-vos que sois muçulmano, hinduísta, cristão, isto ou aquilo. Mas a função da educação correta é ajudar-vos a pensar por vós mesmos, de modo que de vosso pensar vos venha um sentimento de imensa confiança. Sois, então, um ente humano criador e não uma máquina servil. (KRISHNAMURTI, 1967, p.153).

Fazer do desenho uma subjetividade, que nasce, cresce e se desenvolve, como a floresta, permitindo-nos ver que não é necessária a inspiração, mas a entrega. A inspiração surge como um sentimento de alegria, de entusiasmo, resultado contínuo da prática da entrega.

Na arte, ao contrário, a finitude do material sensível torna-se um suporte de uma produção de afetos e de perceptos que tenderá cada vez mais a se excentrar em relação aos quadros e coordenadas pré-formadas. Marcel Duchamp declarava: "a arte é um caminho que leva para regiões que o tempo e o espaço não regem!" (GUATTARI, 1992, p. 129)

Ver o desenho como uma ferramenta lúdica e tão poderosa, de fortalecimento individual e coletivo, de comunicação, de criação de laços e vínculos comunitários, mostra seu potencial de conexão (com outras pessoas, seres, objetos e energias), mas, principalmente, seu poder de produzir consciência social, ambiental e de suas forças imperceptíveis que fazem parte do nosso ver, do nosso ser e existir.

É preciso mudar a sociedade, ver a escola no seu âmbito, acreditar mais nos jovens, ousar mudanças, rever posturas. Frear consumos, mudar estilos de vida, aprender a ser solidário. Estamos falando em mudar o modo como fomos criados, largar hábitos tradicionais, inovar e sermos capazes de caminhar em outra concepção de mundo. (SATO, 2013, p. 20).

Assim, o novo mundo que se desenha, a partir de um olhar otimista, apesar da realidade que se apresenta (na expectativa de que a pandemia acabe logo e possamos retomar a vida com a alegria e segurança necessárias, como todos merecemos), também despertará outras necessidades. Entre elas, estão a arte e o fazer arte, como aconteceu em outros momentos em que a humanidade sofreu por doenças e guerras, ressurgindo com muita força sua energia vital, criativa, de indignação e vontade de liberdade, de construção de outras possibilidades de viver e de relacionar-se com a vida.

Quando a revolução estética assume a forma de uma revolução “humana”, anulando a revolução “formal”, a lógica originária é revertida. A autonomia da divindade fútil, sua indisponibilidade, prometeu um dia uma nova era de igualdade. Agora, o cumprimento dessa promessa está identificado com o ato de um sujeito que se livra de todas essas aparências, que eram somente o sonho de algo que ele agora deve possuir como realidade. (RANCIÈRE, 2002, p.9).

Vemos que os problemas e crimes ambientais aumentam a cada dia. Apesar dos diversos encontros e acordos mundiais entre governantes e agentes econômicos, a destruição da biodiversidade e das poucas florestas continua. A contaminação das águas, a utilização de combustíveis fósseis, os agrotóxicos, a privatização dos bens e serviços públicos, o empobrecimento da população, o massacre de povos tradicionais, as guerras, o aquecimento global, são obras do capitalismo. Crimes que nos colocam em prontidão, lutas para as quais nossos talentos precisam estar à disposição e ser compartilhados com o máximo de pessoas possível, para que outras pessoas se sintam acolhidas em sua indignação e injustiças sofridas e se somem na crítica, no enfrentamento, na construção de uma economia paralela, ecológica, coletiva, cooperativa, sem a necessidade de subjugação ao poder e dinheiro de políticos e bancos.

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. (GUATTARI, 1990, p. 9).

Chegou o tempo em que a educação, principalmente a educação das escolas públicas, precisa ser uma Educação Ambiental. Precisa preparar as crianças e jovens, filhos de trabalhadores, para a criação de outro modo de vida, que não seja degradante, imerso na violência e dependente das esmolas do capital.

Da mesma forma, a Educação Ambiental precisa estar nas escolas dos ricos (o que, se depender deles, não acontecerá), para a desconstrução de ideias e de processos de dominação que se arrastam, geração após geração, na produção de injustiças sociais e ambientais, bem como na concentração de riqueza e poder, às custas da pobreza, da fome e da vida de muita gente.

Há uma demanda coletiva, não só humana, mas do planeta, por uma mudança radical de nosso sistema econômico, que vem se acentuando cada vez mais, com novos agentes e adaptando-se às novas tecnologias, sem que ocorra de fato qualquer diminuição da exploração da natureza ou qualquer compensação. Não há o surgimento de novas florestas em contrapartida pelas florestas destruídas. Famílias que são retiradas de suas casas, ou territórios, ou que sofrem por doenças em consequência da poluição e do consumo de agrotóxicos em seus alimentos não recebem uma nova vida.

Consiste a função da educação, meramente, em ajudar a ajustar-vos a esta corrupta ordem social, ou sua função é dar-vos liberdade, liberdade completa, para crescerdes e criardes uma sociedade diferente, um novo mundo? [...] A educação, por certo nenhuma significação tem se não vos ajuda a compreender a vastidão da vida com todas as suas sutilezas, sua extraordinária beleza, seus pesares e alegrias. (KRISHNAMURTI, 1967, p. 10-12).

Daí a necessidade de uma ação popular, de uma Revolução Estética, de uma educação para a justiça ambiental, de uma Educação Estética Ambiental, para que se despertem coletivamente a valorização e a preservação da vida, a oportunidade de trabalho para todos e também a esperança.

Desenho 6: A Floresta de Quinho



Fonte: <https://www.instagram.com/wagnerpassoscartum> Produção de Wagner Passos. Realizada com lapiseira, caneta nanquim, aquarela em papel *canson*. Novembro e dezembro de 2021.

Referências

- Ailton Krenak fala dos Huni Kui e do Nixi Pae.** Criação e edição: Elisa Mendes. Rio de Janeiro: SELVAGEM ciclo de estudos sobre a vida, 2019. Disponível em < <https://youtu.be/7WcPaU9A3C4> > (5min59s).
- BADIOU, Alain. **Em busca do real perdido.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BOAL, Augusto. **A estética do oprimido.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2006.
- CHINEM, Rivaldo. **Jornalismo de guerrilha: a imprensa alternativa brasileira da ditadura à internet.** São Paulo: Disal, 2004.
- CHOMSKY, Noam. **Mídia: propaganda política e manipulação.** São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2013.
- DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.** São Paulo: Boitempo, 2016.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial.** 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ESTÉVEZ, Pablo René. **La revolución estética en la educación.** Ciudad de La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 2004
- FERNANDES, Idilia; LIPPO, Humberto. A produção social de uma estética padronizada. In: FERNANDES, Idilia. PRATES, Jane Cruz. **Diversidade e estética em Marx e Engels.** Campinas: Papel Social, p. 23 – 50, 2016.
- FERNANDES, Idilia.; PRATES, Jane Cruz. **Diversidade e estética em Marx e Engels.** Campinas: Papel Social, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 50.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** Campinas: Papirus. 1990.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético.** São Paulo: Editora 34, 1992.
- KOCH, Tereza. **Aquarela e seus segredos.** Curitiba: Olhar Brasileiro, 2006.
- KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRISHNAMURTI, Jiddu. **A cultura e o problema humano**. São Paulo: Cultrix, 1967.

MARTINELLI, Maria Lúcia. Prefácio. In: FERNANDES, Idilia. PRATES, Jane Cruz (Orgs.). **Diversidade e estética em Marx e Engels**. Campinas: Papel Social, p. 13-15, 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PASSOS, Wagner Valente dos. **Revolução estética e educação ambiental: uma proposta de oposição ao fetichismo, à alienação e à ideologia capitalista**. Tese (Doutorado em Educação Ambiental). Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande - FURG: Rio Grande, 2018. Disponível em < <https://argo.furg.br/?BDTD11999> >. Acesso em: 12 de jun. 2020.

PASSOS, Wagner Valente dos. **Viaje pela Mata: projeção holográfica de arte indígena Huni Kuin e de outros povos originários como proposta de experimentação de reconexão do ser humano como ser da natureza**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020. Disponível em < <http://www.guaritadigital.com.br/casaleiria/acervo/cienciassociais/viisiddpp/865/index.html> > . Acesso em: 17 de dez. 2021.

PIYASENA, Sam. PHILP, Beverly. **Desenhe!**: curso de desenho dinâmico para qualquer um com papel e lápis a mão. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. **A revolução estética e seus resultados**. New Left Review, NLR 14, 2002. In: Projeto Revoluções. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social - ITS BRASIL, Secretaria Nacional de Direitos Humanos da Presidência da República, SESC-SP, Boitempo Editorial, 2011. Disponível em < http://www.revolucoes.org.br/v1/sites/default/files/a_revolucao_estetica_jacques_ranciere.pdf >. Acesso em 20 de mai. 2018.

RANCIÈRE, Jacques. **Partilha do sensível**, 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009a.

RANCIÈRE, Jacques. **O inconsciente estético**. São Paulo: Editora 34. 2009b.

RANCIÈRE, Jacques. **AISTHESIS – Escenas del régimen estético del arte**, Bordes Manantial, Buenos Aires, 2013.

SATO, Michèle. Clusters da Educação Ambiental: do eu isolado ao nós coletivo. In: SATO, Michèle. GOMES, Giselly. SILVA, Regina. **Escola, Comunidade e Educação Ambiental: reinventando sonhos, construindo esperanças**. Cuiabá: Gráfica Print, 2013.

SONHEIM, Carla. **Laboratório de desenho para artistas de técnica mista: 52 exercícios criativos para desenhar com diversão!**. São Paulo: Ambiente & Costumes, 2010.

THORSPECKEN, Thomas. **Guia completo de técnicas de desenho urbano**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

ZUGLIANI, Jorge Otávio (Jozz). **O circo de Lucca**. São Paulo: Devir, 2007.